



FALANGE MIÚDA

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

## Ganho Surdo Dimensões do Deaf Gain nas Narrativas de pessoas Surdas

**Francielle Cantarelli Martins<sup>1</sup>**

*Universidade Federal de Pelotas - UFPEL*

**Antionielle Cantarelli Martins<sup>2</sup>**

*Universidade Federal de Pelotas - UFPEL*

**Rai Leon Souza de Lima<sup>3</sup>**

*Universidade Federal de Pelotas - UFPEL*

### RESUMO

Este artigo analisa como o conceito de Deaf Gain (Ganho Surdo) se manifesta nas narrativas de seis sujeitos surdos brasileiros, tomando como base entrevistas realizadas no ano de 2012 (MARTINS, 2013) em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e transcritas para o português. O estudo, de caráter qualitativo e interpretativo, ancora-se na noção de experiência em Larrosa (2008) e na concepção foucaultiana de discurso como prática produtiva (Foucault, 2004). O referencial teórico fundamenta-se em Bauman e Murray (2009; 2010), Ladd (2003; 2007), Strobel (2008) e Perlin (2004), compreendendo o Deaf Gain como um paradigma de valorização da diferença e da diversidade sensorial, cognitiva e cultural. As análises das narrativas revelam múltiplas dimensões do Deaf Gain, organizadas em categorias temáticas: consciência e transformação identitária; linguística e cognitiva; cultural e comunitária; sensorial e corporizada; educativa; política, ética e bioética; epistemológica e decolonial; e afetiva e relacional. Os resultados indicam que o Deaf Gain não se restringe à superação do audismo, mas constitui uma forma de produção de saberes e de afirmação da experiência surda como potência criadora, ética e epistemológica. Assim, o estudo contribui para o fortalecimento dos Estudos Surdos no Brasil, ao evidenciar a surdez como diferença produtiva e como expressão legítima da pluralidade humana.

**Palavras-chave:** Deaf Gain; Estudos Surdos; Identidade Surda; Libras; Diferença Cultural.

### *Deaf Gain - Dimensions of Deaf Gain in the Narratives of Deaf Individuals*

### ABSTRACT

This article analyzes how the concept of Deaf Gain manifests in the narratives of six Brazilian Deaf individuals, based on interviews conducted in Brazilian Sign Language (Libras) and transcribed into Portuguese. The study, qualitative and interpretive in nature, is anchored in Larrosa's (2008) notion of experience and the Foucaultian conception of discourse as a productive practice (Foucault, 2002). The theoretical framework is based on Bauman and Murray (2009; 2010), Ladd (2003; 2007), Strobel (2008), and Perlin (2004), understanding Deaf Gain as a paradigm for valuing difference and sensory, cognitive, and cultural diversity. The analysis of the narratives reveals multiple dimensions of Deaf Gain, organized into thematic categories: identity awareness and transformation; linguistic and cognitive; cultural and communal;

<sup>1</sup> Pós-doc e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas. Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Educação Especial e Libras pela Faculdade Eficaz da Maringá. Graduada em Pedagogia Bilingue pelo Instituto Federal de Educação de Surdos. Professora e pesquisadora do Curso de Letras Libras / Literatura Surda da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>2</sup> Doutora e mestre em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), atuando no curso de Letras-Libras e em projetos de pesquisa na área de linguística das línguas de sinais. Sua atuação concentra-se nos estudos linguísticos da Libras, com ênfase em linguística de corpus, lexicologia, lexicografia, anotação linguística e interface com aprendizagem de máquina.

<sup>3</sup> Mestrando em Artes pela UFPEL com ênfase em Narrativas Queer/Cuir sob a orientação da Prof. Dra. Rosângela Fachel e fazendo graduação em Letras Libras Literatura Surda. Sou bacharel em História da Arte pela EBA/UFRJ (2019) e especialista em Arteterapia pela Clínica Pomar em parceria com a FAVI (2022). Posuo licenciatura em Artes pela AVM Educacional em convênio com a UCAM (2021) e especialização em Saúde LGBTQIA+ pela ASA Saúde Educacional (2023).

---

sensory and embodied; educational; political, ethical, and bioethical; epistemological and decolonial; and affective and relational. The results indicate that Deaf Gain is not restricted to overcoming audism, but constitutes a form of knowledge production and affirmation of the Deaf experience as a creative, ethical, and epistemological potential. Thus, the study contributes to the strengthening of Deaf Studies in Brazil by evidencing deafness as a productive difference and a legitimate expression of human plurality.

**Keywords:** Deaf Gain; Deaf Studies; Deaf Identity; Libras; Cultural Difference.

## 1 INTRODUÇÃO

As formas de compreender a surdez têm se transformado significativamente nas últimas décadas. De um modelo clínico e corretivo, centrado na falta e na normalização, avança-se para abordagens que reconhecem a surdez como experiência cultural, linguística e epistemológica. Entre essas perspectivas, o conceito de *Deaf Gain* (Ganho Surdo), formulado por Bauman e Murray (2009; 2010), propõe uma virada interpretativa ao deslocar o foco da perda auditiva para o potencial cognitivo, sensorial e cultural das pessoas surdas.

No contexto dos Estudos Surdos brasileiros, essa noção dialoga com reflexões de autoras e autores como Gládis Perlin (2004), Karin Strobel (2008) e Carlos Skliar (2003), que compreendem a diferença surda como fonte de produção de saberes e formas próprias de existência. Assim, o *Deaf Gain* não se limita a um conceito teórico, mas traduz um modo de viver e de construir conhecimento a partir da experiência visual e da coletividade surda.

Este artigo tem como objetivo analisar como o *Deaf Gain* se manifesta nas narrativas de seis sujeitos surdos brasileiros, evidenciando as dimensões pelas quais a diferença é ressignificada em termos de ganho identitário, cognitivo, cultural e ético. A partir das falas, busca-se compreender de que maneira as experiências pessoais, educacionais e comunitárias se tornam espaços de criação e de afirmação de uma identidade surda positiva.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, orientada pela noção de experiência em Larrosa (2008), entendida como aquilo que “nos passa e nos transforma”, e pela concepção foucaultiana de discurso como prática produtiva (Foucault, 2004). As entrevistas realizadas em Libras foram analisadas de modo a evidenciar os sentidos produzidos sobre ser surdo, pertencer à comunidade surda e transformar a diferença em potência.

As análises apresentadas estão organizadas em categorias que revelam distintas dimensões do *Deaf Gain*: consciência identitária, dimensão linguístico-cognitiva, dimensão

cultural e comunitária, sensorial e corporificada, educativa, política, epistemológica e afetiva. Juntas, elas permitem compreender o *Deaf Gain* como um paradigma de resistência e criação que amplia o entendimento da surdez como forma de estar, perceber e contribuir no mundo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente, a surdez foi predominantemente compreendida sob uma ótica patologizante, marcada por noções de perda, déficit e incapacidade. Essa concepção, profundamente enraizada em práticas médicas e educacionais orientadas para a "normatização" do indivíduo, resultou naquilo que Tom Humphries (1977) e, posteriormente, Harlan Lane (1992), denominaram audismo. O audismo é definido como um sistema de crenças e práticas que estabelece a superioridade do ouvir sobre outras formas de percepção e comunicação, resultando na opressão sistemática de pessoas surdas. O audismo, nesse sentido, manifesta-se em atitudes individuais e se incrusta nas políticas públicas de normatização – como a oralização compulsória e a medicalização da diferença (Bahan; Bauman; Montenegro, 2008; Lane, 1992).

Como contraponto vigoroso e necessário a esse paradigma deficitário, emerge o conceito de *Deaf Gain* (Ganho Surdo), cunhado por H-Dirksen Bauman e Joseph Murray (2009; 2010). O termo propõe um significativo deslocamento epistemológico: em vez de pensar a surdez como perda auditiva, propõe-se compreendê-la como ganho surdo, isto é, como uma forma de diversidade sensorial, cognitiva e cultural que, ao invés de subtrair, contribui para o bem comum da humanidade e para a ampliação do conhecimento sobre o que é o potencial humano. Nessa perspectiva, "*Deaf Gain* é um reenquadramento do conceito de surdez como forma de diversidade sensorial e cognitiva com potencial de contribuir para o bem maior da humanidade" (Bauman; Murray, 2010, p. 5, tradução nossa). Ao propor esse reenquadramento, Bauman e Murray (2009) afirmam que os modos visuais, espaciais e cinestésicos de percepção e comunicação das pessoas surdas não são meramente uma compensação pela audição ausente, mas sim uma configuração neural e social distinta que amplia as possibilidades humanas de significação e interação. A surdez, nesse sentido, é ressignificada: deixa de ser ausência e passa a ser presença. Para estruturar essa nova perspectiva, os autores organizam o conceito em três dimensões interligadas – cognitiva, criativa e cultural – desdobrando-o nos movimentos de benefício surdo (vantagens inerentes ao modo de vida), contribuição surda (formas expressivas) e

---

crescimento surdo (expansão do pensamento e cultura surda). A dimensão cognitiva refere-se às especificidades perceptivas e neurológicas do sujeito surdo, com estudos (como os citados por Hauser, 2007) demonstrando maior capacidade de processamento visual-espacial em sinalizantes. A dimensão criativa diz respeito às formas expressivas e estéticas que emergem da cultura surda por meio da visualidade, como a literatura em sinais, as poesias visuais e as performances corporais (Strobel, 2008). Por fim, a dimensão cultural aponta para a constituição de uma identidade coletiva forte e transnacional, fundada na experiência compartilhada da visualidade e da diferença linguística.

O conceito de *Deaf Gain* tem um forte elo filosófico e político com o pensamento de Paddy Ladd (2003; 2007), que introduziu o termo *Deafhood* (traduzido como “ser surdo”, com conotação cultural) para descrever o processo de construção positiva e afirmativa da identidade surda. Enquanto o *Deafhood* enfatiza a dimensão individual e subjetiva desse despertar, focado no processo interno de se tornar um “ser surdo” consciente, o *Deaf Gain* amplia a discussão para o coletivo e o social, focando no “contribuir sendo surdo” (Bauman; Murray, 2009). No Brasil, o conceito de *Deaf Gain* dialoga diretamente e encontra terreno fértil nos Estudos Surdos, consolidado por autoras e autores como Gládis Perlin (2003; 2004), Karin Strobel (2008) e Carlos Skliar (1998; 2003), que valorizam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como o veículo primário dessa cultura. Strobel (2008) define cultura surda como o jeito de o sujeito surdo entender e modificar o mundo para torná-lo acessível e habitável. Perlin (2003; 2004) propõe pensar a identidade surda como “identidade de alteridade”, uma forma de existência que se afirma na diferença. Já Skliar (1998; 2003) questiona as políticas de normatização, defendendo uma educação a partir da diferença e a noção de epistemologia surda, o conjunto de saberes e modos de conhecer o mundo que emergem da experiência surda e da Língua de Sinais.

A solidez conceitual do *Deaf Gain* encontra fundamento analítico nas formulações de Michel Foucault (2004; 2010) sobre poder e discurso. O audismo pode ser compreendido como um regime discursivo que se alia ao poder biomédico para construir o sujeito surdo como um corpo incapacitado, objeto de intervenção e de biopolítica (gestão da vida para alinhá-la à norma ouvinte). O *Deaf Gain*, por sua vez, surge como um contra-discurso de resistência que tem como objetivo desestabilizar essa matriz de poder. Ele reinscreve o corpo surdo não como um local de falta, mas como um espaço de potência, criação e singularidade, um modo ético de ver o outro pautado no reconhecimento da diferença como valor. Essa virada paradigmática no campo dos Estudos Surdos expressa

uma nova forma de compreender o humano, que valoriza a multiplicidade sensorial, linguística e cultural.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e interpretativo, centrando-se na análise dos discursos e experiências de pessoas surdas à luz do conceito de *Deaf Gain* (Bauman; Murray, 2009, 2010). O estudo busca compreender de que modo os sujeitos surdos ressignificam sua experiência de surdez como ganho (cognitivo, cultural, sensorial e político) a partir de suas próprias narrativas em Libras. Dessa forma, o *Deaf Gain* é aqui entendido como categoria analítica e epistemológica, capaz de revelar dimensões positivas e produtivas da experiência surda. Para a produção dos dados, foram selecionados seis participantes surdos (Tabela 1) com vínculo com o movimento surdo, a educação bilíngue e a comunidade surda local.

**Tabela 1** – Entrevistados

Entrevistado	Área de Formação	Atividade Atual
S1	Graduado em Artes Visuais e Letras Libras. Doutor em Tradução.	Professor universitário
S2	Graduada em Psicologia.	Psicólogo
S3	Ensino Médio Completo.	Aposentado
S4	Graduado em Administração e Ciências Sociais. Mestre em Educação.	Assistente em Administração
S5	Graduado em Pedagogia e Biblioteconomia. Doutor em Educação.	Professor universitário
S6	Graduado em Geografia e Letras Libras. Doutor em Linguística.	Professor universitário

**Fonte:** Autoria própria (2025)

As narrativas aqui analisadas são oriundas de entrevistas em Libras realizadas com seis sujeitos surdos brasileiros para uma dissertação de mestrado (Martins, 2013), sem a presença de intérpretes de Libras, tendo os dados transcritos para o português posteriormente. O roteiro utilizado contemplou as seguintes questões (adaptadas e

---

sinalizadas em Libras):

- Descreva quem você é hoje;
- Qual sua área de atuação?
- Como você escolheu essa área?
- Algo lhe influenciou? Por quê?
- Relate suas experiências sobre audismo e surdismo;
- O que você avalia como conquistas (*Deaf Gain*) na sua vida e como elas se deram?

A análise se fundamentou em dois eixos teórico-metodológicos. O primeiro é o Conceito de Experiência em Larrosa (2008), em que se buscou nas falas elementos de experiência vivida que traduzem transformações subjetivas, cognitivas e sociais associadas ao *Deaf Gain*. O segundo é a Concepção Foucaultiana de Discurso (Foucault, 2004), segundo a qual as narrativas são compreendidas como práticas que produzem e constituem realidades, configurando o sujeito surdo como produtor de conhecimento e como corpo político. O percurso analítico consistiu em leitura das transcrições, identificação e agrupamento dos excertos em categorias temáticas (identitária, cognitiva, cultural, sensorial, educativa, política, epistemológica e afetiva), e interpretação à luz dos referenciais teóricos (Bauman, Murray, Ladd, Strobel, Perlin, Skliar, Foucault e Larrosa). A metodologia privilegiou a voz e o olhar do sujeito surdo como eixo central, reconhecendo o discurso em Libras como espaço de resistência e construção de sentido.

## 4 ANÁLISES E RESULTADOS

Os relatos dos participantes evidenciam momentos decisivos de reconhecimento de si como sujeito surdo, em um processo que Bauman e Murray (2009; 2010) denominam *Deaf Gain identitário*: o deslocamento do olhar patologizante da perda para uma afirmação de potência. Esse movimento também se articula ao conceito de *Deafhood* (Ladd, 2003), compreendido como o processo de tornar-se consciente de sua própria surdez como identidade cultural e política.

**S1:** *Quando ele disse que não era ouvinte, eu fiquei abismada: ‘um surdo pode ser professor?’ [...] fui surpreendida pela presença de um professor surdo, aquilo me despertou. [...] A partir de então, meu pensamento mudou, via o mundo com outros olhos.*

A fala de S1 marca simbolicamente o momento de ruptura com a percepção deficitária da surdez. O encontro com um professor surdo funciona como gatilho de conscientização e transformação — uma espécie de “virada epistemológica” pessoal que ressignifica o lugar do sujeito surdo no mundo. A expressão “via o mundo com outros olhos” sintetiza, de modo poético e literal, o princípio de *Deaf Gain* descrito por Bauman e Murray (2010): a visualidade não é substitutiva, mas constituinte da experiência.

**S4:** *Depois de conversar com este grupo de surdos no vestibular, eu me senti muito melhor, mais participativo. [...] Com os ouvintes eu me sentia excluído, parecia que eu era um estranho, e com os surdos não, foi muito melhor.*

Em S4, o sentimento de pertencimento emerge como forma de libertação e reconfiguração do eu. O contato com outros surdos possibilita o reconhecimento da própria subjetividade e da coletividade surda — uma realização prática do que Ladd (2003) chama de *despertar Deafhood*. O ganho aqui é duplo: cognitivo (ampliação da autopercepção) e afetivo (inclusão simbólica e emocional).

**S3:** *Os surdos agora estudam mais, cursam faculdade, mestrado, doutorado. [...] Isto foi muito importante, pois estava mostrando o meu espaço, estavam acreditando em mim, que o surdo tem capacidade de progredir.*

O depoimento de S3 demonstra o *Deaf Gain* como empoderamento social. O avanço educacional é entendido não apenas como conquista individual, mas como reconhecimento público da capacidade intelectual dos surdos. O sujeito percebe-se como agente de mudança e produtor de conhecimento, o que reforça a relação entre *Deaf Gain* e *epistemologia surda* (Skliar, 1998; Perlin, 2003): a diferença não é obstáculo, mas fonte de aprendizado e transformação.

Assim, as narrativas dessa categoria revelam o núcleo ético e político do conceito de *Deaf Gain*: a transformação identitária e o sentimento de pertencimento não ocorrem apenas no nível individual, mas se expandem para o coletivo, reposicionando o sujeito surdo como protagonista de sua própria história e como agente de produção de conhecimento e cultura.

#### 4.1 Linguística e cognitiva

---

As narrativas revelam de modo recorrente que a experiência visual-espacial, longe de representar limitação comunicativa, constitui um eixo de produção de conhecimento e de reorganização perceptiva do mundo. Tal dimensão, conforme propõem Bauman e Murray (2009, 2010), corresponde ao *Deaf Gain cognitivo e linguístico*: o ganho que se manifesta nas capacidades visuais, atencionais e simbólicas derivadas do uso das línguas de sinais.

**S6:** *Um exemplo bem simples de Deaf Gain é a Língua de Sinais [...] quando nós sinalizamos é mais rápido, o entendimento se processa de forma mais apurada. [...] O ouvinte não consegue fazer o que nós fazemos como unir sinais, expressão e localização de forma rápida e entender em um curto espaço de tempo.*

Neste excerto, a fala de S6 explicita uma vantagem cognitiva diretamente relacionada à modalidade visual-espacial. A simultaneidade e a integração entre gesto, expressão e localização espacial configuram um tipo singular de cognição, na qual a linguagem se concretiza no corpo. Esse relato ecoa estudos neurocognitivos citados por Hauser (2007), que apontam maior amplitude de atenção periférica e eficiência no processamento visual em pessoas surdas sinalizantes. O *Deaf Gain* linguístico, portanto, emerge como demonstração empírica da plasticidade neural e comunicacional da experiência surda.

**S4:** *Eu e meu irmão conversávamos no ônibus lotado, sem usar a voz. Os ouvintes ficavam olhando e se perguntando: ‘Como?’. [...] Senti que eu ganhava deles neste sentido.*

A narrativa de S4 acrescenta um componente performativo ao *Deaf Gain*: a capacidade de comunicar-se plenamente em ambientes em que o som se torna inútil. O “ganhar” não se refere à superioridade, mas à adequação comunicativa que o corpo surdo alcança em contextos adversos. Trata-se, portanto, de um *ganho perceptivo*, no qual o gesto e o olhar substituem a audição como meios de significação. O corpo surdo é aqui um corpo epistêmico — um dispositivo de linguagem e conhecimento.

**S6:** *Em Gallaudet criaram um curso de ‘Como melhorar a visão para desenhos’. [...] É um curso metodológico para surdos, que têm uma experiência visual adquirida que os ouvintes não têm.*

O relato de S6 amplia essa percepção ao reconhecer o valor pedagógico e científico das habilidades visuais. O curso citado simboliza o reconhecimento institucional do saber

visual surdo — um campo que transforma percepção em competência técnica e metodológica. A *experiência visual adquirida* passa a ser entendida como expertise, convertendo a diferença sensorial em potencial acadêmico e artístico.

Esses depoimentos concretizam a dimensão cognitiva do *Deaf Gain* formulada por Bauman e Murray (2010): uma revalorização da visualidade enquanto forma de cognição e de criação de mundo. A Língua de Sinais, ao articular simultaneamente espaço, corpo e movimento, revela uma inteligência multimodal e um pensamento visual que desafiam o modelo linear e auditivo da linguagem oral. A diferença perceptiva, antes lida como deficiência, é resignificada como **potência cognitiva e linguística** — um ganho que amplia as possibilidades humanas de comunicação, imaginação e conhecimento.

## 4.2 Cultural e comunitária

As falas dos participantes evidenciam que o pertencimento à comunidade surda é percebido não apenas como espaço de socialização, mas como território simbólico de reconhecimento, afeto e circulação de saberes. Essa dimensão está no cerne do *Deaf Gain cultural*, definido por Bauman e Murray (2009) como o crescimento coletivo decorrente da existência de comunidades visuais e bilíngues. Para os autores, as práticas culturais surdas — suas línguas, artes e modos de interação — constituem uma contribuição social e epistemológica que amplia o repertório humano de comunicação e convivência.

**S4:** *Eu me senti ligado a essa comunidade, encontrei amigos de verdade, me sinto mais acessível, eu ganhei muito desde que comecei a participar da associação dos surdos.*

A experiência de S4 mostra que o contato com a associação de surdos não é apenas social, mas transformador. O verbo “ganhei” sintetiza a dimensão expansiva do *Deaf Gain*: participar da comunidade gera novas formas de ver, agir e sentir. O sujeito desloca-se da posição de isolamento — historicamente imposta pela audição como norma — para o lugar de pertencimento, onde a comunicação é fluida e o reconhecimento mútuo é pleno. Conforme Strobel (2008), a cultura surda “modifica o mundo para torná-lo habitável”, e o excerto de S4 exemplifica esse gesto transformador em escala pessoal.

**S1:** *Nós surdos temos amigos em vários países do mundo todo. [...] É praticamente impossível um ouvinte ter amigos em todos os países. [...] Já o surdo estabelece vínculos em qualquer lugar.*

---

S1 amplia essa dimensão para o plano transnacional. O depoimento revela que a comunidade surda ultrapassa fronteiras geográficas, configurando-se como uma rede global de sujeitos que compartilham uma língua visual e uma experiência comum de diferença. Essa conexão planetária exemplifica o que Bauman e Murray (2010) chamam de *crescimento surdo*: a contribuição cultural e social da surdez para a humanidade. O vínculo entre surdos de diferentes países — viabilizado pela iconicidade e pela estrutura visual das línguas de sinais — cria uma forma única de cosmopolitismo linguístico.

**S4:** *Os surdos são mais unidos, mais afetivos, combinam de passear em grupo, buscam mais informação, se encontram, viajam... É mais livre.*

O trecho de S4 reforça a dimensão afetiva e ética dessa coletividade. A liberdade mencionada pelo participante não é apenas espacial, mas simbólica: trata-se de um espaço de convivência sem barreiras comunicativas, em que o afeto e a horizontalidade substituem a hierarquia. A unidade e a solidariedade descritas refletem o “modo de ser surdo” (Perlin, 2003), no qual a diferença é fundamento da identidade e não sua negação.

Assim, as narrativas desta categoria revelam o *Deaf Gain* como experiência comunitária e política. A cultura surda emerge como uma ecologia relacional de saberes — uma rede viva de trocas, afetos e práticas visuais — que amplia o horizonte humano de comunicação e pertencimento. O ganho não é apenas individual, mas coletivo: cada sujeito surdo encontra, na comunidade, um espelho de si e uma fonte contínua de conhecimento compartilhado.

### 4.3 Sensorial e corporizada

Nas narrativas, o corpo aparece não como ausência, mas como lugar de presença, mediação e conhecimento. Essa dimensão reflete o *Deaf Gain sensorial e corporizado*, em que a percepção visual, o gesto e a espacialidade constituem uma forma legítima de apreender o mundo. O corpo surdo, antes medicalizado e corrigido pelo paradigma da deficiência, é reinscrito como corpo produtor de sentido — aquilo que Bauman e Murray (2010) denominam o “reenquadramento da surdez como diversidade sensorial e cognitiva”.

**S6:** *Na praia, quando se faz mergulho, os ouvintes não conseguem se comunicar embaixo d'água, os surdos sim.*

O relato de S6 sintetiza de modo exemplar a potência comunicativa do corpo visual. A situação cotidiana — comunicar-se sob a água, onde o som se torna inoperante — expõe de forma quase metafórica o valor da percepção visual como meio de sobrevivência e sociabilidade. A diferença sensorial, em vez de limitação, converte-se em vantagem adaptativa. Essa leitura se aproxima da concepção de *Deaf Gain ecológico* (Bauman; Murray, 2010), na qual a experiência surda demonstra outras formas possíveis de interação com o ambiente e com o outro.

**S1:** *Também nos surdos temos uma visão melhor, mais detalhada, mais ampla, o que os ouvintes não têm.*

Em S1, a ampliação do olhar é afirmada como traço identitário e cognitivo. A visão, tradicionalmente interpretada como substituto da audição, é ressignificada como eixo central da existência surda. O orgulho perceptivo expressa o que Hauser (2007) identifica como *benefício surdo*: a reconfiguração da atenção, da memória e da leitura espacial. A visão, portanto, não compensa a audição, mas inaugura outro modo de habitar o mundo, em que o corpo é ferramenta de percepção e epistemologia.

Esses testemunhos revelam que a experiência surda não é apenas uma condição auditiva, mas uma estética sensorial e existencial. Ao corpo surdo — gestual, visual, expressivo — é atribuído o poder de significar, interagir e criar conhecimento. Trata-se de uma inversão radical da lógica audista: o corpo que antes simbolizava a falta torna-se o locus da diferença produtiva. Assim, o *Deaf Gain* corporizado se articula com a virada foucaultiana sobre o corpo como campo de resistência (Foucault, 2010): o corpo surdo é, simultaneamente, signo político e meio epistemológico, um corpo que fala com os olhos e pensa com as mãos.

#### 4.4 Educativa e cognitiva

A educação surge nas narrativas como espaço privilegiado de transformação subjetiva e social, onde o *Deaf Gain* se concretiza em forma de autonomia, bilinguismo e construção de saberes partilhados. O aprendizado, mediado pela Libras e pela presença de

---

intérpretes, é percebido como conquista e empoderamento, não apenas pessoal, mas também coletivo. Essa dimensão reflete o que Bauman e Murray (2009) denominam *crescimento surdo* — a capacidade da comunidade de gerar conhecimento e promover a expansão do humano a partir de experiências educacionais visuais.

**S4:** *Na minha primeira faculdade eu não usava intérprete... na segunda resolvi chamar intérpretes... me senti muito mais participativo.*

O relato de S4 ilustra um processo de conscientização linguística e emancipação intelectual. O intérprete, longe de ser um suporte assistencial, torna-se mediador epistêmico: sua presença amplia o acesso, permite o diálogo e estimula a agência do sujeito surdo no espaço acadêmico. A transição de um modelo monolíngue (centrado na oralização) para um modelo bilíngue (Libras/Português) representa, aqui, a passagem da invisibilidade para a presença discursiva. Como apontam Skliar (2003) e Perlin (2003), a educação bilíngue é o lugar onde o surdo se constitui como sujeito de linguagem — não aquele que aprende a partir da falta, mas aquele que produz conhecimento a partir da diferença.

**S3:** *Eles sentiram que enriqueceram seus conhecimentos... foi um ganho sim. [...] Eu sinto que neste meu período universitário, o meu grande ganho foi este.*

Neste excerto, o *ganho* é percebido de maneira dialógica: o aprendizado do sujeito surdo enriquece também o contexto ouvinte. Essa reciprocidade pedagógica caracteriza o *Deaf Gain educativo* — a produção de conhecimento que emerge do encontro entre diferentes modalidades de percepção e comunicação. A diferença não é obstáculo, mas catalisador de aprendizagem mútua, reafirmando a noção de que a diversidade sensorial é epistemologicamente produtiva.

Essas experiências se alinham à crítica de Skliar (1998) às práticas educacionais normalizadoras, que buscam “curar” a surdez em vez de reconhecê-la como fonte de saber. A presença da Libras e do intérprete — como mediações linguísticas e culturais — reconfigura o espaço da sala de aula em um território bilíngue e intercultural. Assim, o *Deaf Gain educativo* não se limita à aquisição de conteúdos, mas implica o direito de aprender *em sua língua e com sua cultura*, produzindo conhecimento a partir da corporeidade e da visualidade.

Desse modo, as narrativas apontam para uma concepção ampliada de educação, coerente com a epistemologia surda: aprender é ver, é interagir, é construir sentidos no espaço. O *Deaf Gain* manifesta-se como potência cognitiva e política — uma forma de aprender e ensinar que desafia a homogeneização e afirma a diferença como valor pedagógico e epistemológico.

#### 4.5 Político, ético e bioético

As narrativas revelam que a dimensão política do *Deaf Gain* não se restringe à militância explícita, mas se manifesta como ética do reconhecimento e resistência à normalização biopolítica do corpo surdo. O sujeito surdo emerge como agente político que reivindica a diferença como valor e se opõe às práticas de correção, medicalização e exclusão. Essa perspectiva converge com a leitura foucaultiana de poder e biopolítica (Foucault, 2010), na qual os discursos médicos e educacionais produzem corpos “ajustados” à norma. O *Deaf Gain*, ao contrário, desestabiliza esse regime ao afirmar o corpo surdo como legítimo, produtivo e necessário à diversidade humana.

**S6:** *Precisamos mostrar que a vida do surdo é boa, para que não queiram acabar com os surdos. [...] Querem manipular os genes que causam a surdez.*

O depoimento de S6 desloca o debate para a esfera da bioética contemporânea. A manipulação genética e a tentativa de erradicar a surdez são percebidas como formas de apagamento identitário e cultural. O participante contrapõe a essa lógica eugênica a valorização da diferença, reivindicando a preservação da experiência surda como parte do patrimônio humano. Esse discurso ecoa a defesa de Bauman e Murray (2010) pela diversidade sensorial como contribuição civilizatória: ao invés de eliminar a diferença, é preciso reconhecê-la como potência criadora. O *Deaf Gain* torna-se, assim, um princípio ético-político de defesa da pluralidade da espécie humana.

**S4:** *Eu acredito que futuramente, se houver uma boa base familiar e uma educação bilíngue de qualidade, poderemos nos igualar aos ouvintes. [...] O audismo vai diminuir e o que chamamos de audismo invisível não vai existir mais.*

Aqui, o horizonte político do participante é o da equidade, não da assimilação.

---

“Igualar-se” não significa tornar-se ouvinte, mas conquistar condições simétricas de participação social. O *Deaf Gain político* projeta-se como utopia realizável: uma sociedade bilíngue e multicultural, em que o reconhecimento da diferença não implica hierarquia, mas reciprocidade. Essa fala ressoa com a noção de *crescimento surdo* (Bauman; Murray, 2009), em que o avanço coletivo da comunidade surda contribui para uma ética pública da inclusão real.

**S1:** *Temos que mostrar o quanto somos importantes... para que a sociedade perceba o quanto somos necessários... para que consigamos diminuir o preconceito genético.*

Em S1, a reivindicação se amplia para o plano discursivo: demonstrar à sociedade o valor dos sujeitos surdos é também uma forma de resistência simbólica. O participante reconhece que a transformação social depende da visibilidade e da produção de narrativas positivas — o que Bauman e Murray (2009) denominam *contribuição surda*. Essa contribuição não é apenas moral ou política, mas epistemológica: a presença surda desafia as categorias de normalidade e humanidade produzidas pelo olhar ouvinte.

Ao articular essas vozes, compreende-se que o *Deaf Gain político e ético* opera como contracorrente à biopolítica da deficiência. Ele propõe uma ontologia alternativa: ser surdo é uma forma de ser plenamente humano, de participar do mundo a partir de outro regime sensorial e comunicativo. Essa virada ética redefine a inclusão não como integração à norma, mas como ampliação do humano — uma inclusão que reconhece e acolhe a diferença como eixo de justiça social e de sustentabilidade cultural.

#### 4.6 Epistemológica e decolonial

As narrativas revelam que o *Deaf Gain* ultrapassa a dimensão individual e sensorial, alcançando o plano epistemológico — o campo da produção e validação do conhecimento. Ao reivindicar o valor da experiência visual, os participantes não apenas afirmam a diferença, mas subvertem o modelo de racionalidade ouvinte que historicamente monopolizou o poder de dizer o que é o saber legítimo. Trata-se, portanto, de uma virada decolonial do conhecimento: deslocar o olhar da escuta para a visão, do centro normativo para as margens criativas.

Essa virada ecoa os argumentos de Ladd (2003) sobre o *Deafhood* como processo

contínuo de conscientização e autodefinição, e também os de Skliar (1998, 2003), ao propor uma “epistemologia surda” fundada na diferença e não na falta. O *Deaf Gain epistemológico* é, assim, a expressão coletiva dessa soberania cognitiva: uma forma de pensar e produzir conhecimento a partir do corpo visual e da língua de sinais, resistindo à colonialidade do saber que impôs a escuta como paradigma universal.

**S6:** *O Deaf Gain é muito próximo ao Deafhood [...] valorizar o que é positivo e deixar de lado o negativo. [...] Precisamos mostrar que a vida do surdo é boa, que o surdo contribui para a maioria da sociedade.*

O depoimento de S6 reforça a convergência entre *Deafhood* e *Deaf Gain*: ambos propõem um deslocamento epistemológico da patologia para a potência. Ao enfatizar a necessidade de “mostrar que a vida do surdo é boa”, o participante articula um discurso de resistência epistêmica — uma contra-narrativa ao discurso clínico, que define o surdo como corpo faltante. Como defendem Bauman e Murray (2010), o *Deaf Gain* é um reenquadramento conceitual que transforma a experiência surda em fonte de novos modos de pensar o humano. Nesse sentido, o saber visual não é derivado do som ausente, mas originário, pleno e produtivo.

**S1:** *Precisamos buscar mostrar tudo o que temos de positivo para que a sociedade perceba o quanto somos importantes, [...] para que a cultura surda seja respeitada.*

Aqui, o *Deaf Gain* assume um caráter epistêmico-político: divulgar os aspectos positivos da cultura surda é não apenas um ato de autoafirmação, mas também um gesto de produção de conhecimento. O sujeito se inscreve como produtor de discurso e não mais como objeto de estudo. Essa inversão corresponde ao que Foucault (2010) chamaria de “insurreição dos saberes subjugados” — saberes que emergem das margens e desestabilizam as hierarquias impostas pelo poder. O testemunho de S1, portanto, reitera o *Deaf Gain* como epistemologia insurgente, fundada na experiência visual, no corpo e na coletividade.

**S4:** *Eu quero entender por que as pessoas são diferentes... parece um estudo da minha vida. [...] Eu quero procurar essas respostas.*

Em S4, o gesto de compreender a diferença converte-se em exercício filosófico. A curiosidade sobre a alteridade reflete o *Deaf Gain cognitivo*: a experiência surda como lente

---

para interpretar o social. O sujeito desloca a pergunta “por que sou diferente?” para “por que as pessoas são diferentes?”, revelando uma consciência crítica que transforma a condição surda em ponto de partida epistemológico. Essa postura dialoga diretamente com Perlin (2003), quando define a identidade surda como “identidade de alteridade” — uma forma de existir e de pensar que se afirma no encontro com o outro.

Assim, o *Deaf Gain epistemológico e decolonial* implica um duplo movimento: resistir à colonialidade do saber, que silenciou as vozes surdas, e afirmar novas racionalidades ancoradas na visão, no gesto e na coletividade. Ao produzir conhecimento desde o corpo surdo e sobre o corpo surdo, essas narrativas inscrevem a surdez como categoria epistêmica e política. O que se ganha, portanto, não é apenas visibilidade, mas soberania discursiva: o direito de narrar e teorizar a própria experiência, instaurando uma epistemologia que rompe com o paradigma da escuta e afirma a multiplicidade dos modos de conhecer o mundo.

#### 4.7 Afetiva e relacional

A dimensão afetiva das narrativas evidencia o *Deaf Gain* como ética do encontro. O sentimento de pertencimento, a solidariedade e a empatia que atravessam as experiências surdas transformam o afeto em categoria epistemológica: conhecer o outro e a si mesmo passa pelo vínculo e pela convivência. A comunidade surda aparece, assim, não apenas como espaço linguístico e cultural, mas como território de cuidado, confiança e reconhecimento mútuo — um lugar onde se aprende a ser e a estar no mundo visualmente, mas também emocionalmente.

Essa perspectiva encontra eco em Strobel (2008), para quem a cultura surda é, antes de tudo, uma cultura relacional: um “jeito de ser” que se constrói pela interação visual e pelo compartilhamento de experiências. O *Deaf Gain afetivo*, portanto, manifesta-se na valorização da coletividade como força constitutiva da identidade surda, desafiando o individualismo do modelo ouvinte ocidental.

**S1:** *Ser surdo significa um mundo de paz, de laços afetivos, de união, essa é uma das nossas vantagens.*

A fala de S1 sintetiza um modo ético de existência. O participante associa a surdez à paz e à união — valores que, na lógica hegemônica, são raramente atribuídos à diferença.

O *Deaf Gain* aqui se traduz em ganho ético e emocional: a experiência surda produz uma forma de convivência pautada pela empatia e pela escuta visual. Essa visão contrasta com o discurso audista, centrado na correção e na competição, e aproxima-se da ideia de **comunidade como cuidado** (Perlin, 2004), em que o afeto é dimensão fundante da resistência cultural.

**S4:** *Os surdos são mais unidos, mais afetivos, combinam de passear em grupo, buscam mais informação, se encontram, viajam.*

No relato de S4, o *Deaf Gain* aparece como prazer de partilhar: a união e o companheirismo são expressos como fonte de liberdade e de circulação de saberes. Essa sociabilidade visual, que se realiza em gestos, encontros e trocas cotidianas, constitui o que Bauman e Murray (2009) chamam de *crescimento surdo* — a expansão da comunidade e de seus laços como forma de inteligência coletiva. O conhecimento, aqui, não é acumulativo, mas relacional: ele se dá no gesto que comunica, no olhar que acolhe, no grupo que se move junto.

A afetividade nas narrativas é também resistência. Num mundo em que o corpo surdo é frequentemente silenciado ou corrigido, amar, pertencer e rir em grupo são atos políticos. O *Deaf Gain afetivo e relacional* reposiciona o amor e o cuidado como práticas epistemológicas: aprender e viver em Libras é aprender a sentir de outro modo. Como argumenta Ladd (2003), o *Deafhood* é um processo de descoberta coletiva — e o afeto é o caminho que sustenta essa jornada de reconhecimento e autovalorização.

## 5 CONCLUSÃO

As narrativas analisadas evidenciam que o *Deaf Gain* ultrapassa a simples inversão do déficit auditivo: trata-se de um modo de compreender o mundo e de produzir conhecimento a partir da diferença. Nas falas dos participantes, a surdez aparece não como obstáculo, mas como origem de novas formas de percepção, comunicação, sociabilidade e pensamento. A diferença sensorial se converte em força cognitiva, cultural e política.

A dimensão identitária revela o momento do despertar — quando o sujeito surdo reconhece em outro surdo o espelho de sua própria potência, rompendo com a lógica da inferioridade. A dimensão cognitiva e linguística demonstra que a experiência visual-

---

espacial constitui uma forma singular de inteligência e expressão. A dimensão cultural e comunitária reafirma o pertencimento e a coletividade como espaços de criação e de liberdade. Já a dimensão afetiva e relacional mostra que o afeto é também epistemologia: o conhecimento surdo nasce do olhar compartilhado, do gesto e da convivência.

Do ponto de vista político e ético, o *Deaf Gain* aparece como resistência à medicalização e à tentativa de eliminação da diferença — seja por meio da genética, seja por práticas sociais excludentes. Reivindicar o direito de ser surdo é, portanto, um ato bioético de preservação da diversidade humana. Nas dimensões educativa e epistemológica, os participantes revelam o valor da educação bilíngue e da produção de saberes em Libras como formas de emancipação e autoria discursiva.

O conjunto das experiências analisadas confirma o que Bauman e Murray (2010) denominam crescimento surdo: a capacidade da comunidade surda de transformar barreiras em oportunidades de criação e de contribuir para o bem comum da humanidade. O *Deaf Gain*, nessa perspectiva, não é apenas um conceito, mas uma ética — a ética da diferença reconhecida, da linguagem visual como força de mundo e do corpo surdo como lugar de saber.

Conclui-se, portanto, que o *Deaf Gain* é um marco político e epistemológico dos Estudos Surdos contemporâneos, um discurso de resistência que desloca a surdez do campo da deficiência para o campo da potência e da invenção. Ao dar centralidade à experiência visual e à cultura surda, este estudo reafirma que a diversidade sensorial não empobrece o humano — ela o expande.

## REFERÊNCIAS

BAHAN, B.; BAUMAN, H-D.; MONTENEGRO, F. **Audism Unveiled**. San Diego/CA: Dawnsignpress, 2008. [DVD].

BAUMAN, H-D; MURRAY, J. J. **Reframing**: From hearing loss to Deaf gain. *Deaf Studies Digital Journal*, v. 1, 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

HAUSER, P. Visual constructive and visual-motor skills in Deaf native signers. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 12, p. 148-157, 2007.

HUMPHRIES, T. **Communicating across cultures (deaf-/hearing) and language learning**. Doctoral dissertation. Cincinnati, OH: Union Institute and University, 1977.

LADD, P. **Understanding deaf culture: in search of deafhood**. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2003.

LADD, P. Golpes contra el imperio: Culturas Sordas y Educación de Sordos. In: **Conferencia Principal Del Vigésimo Congreso Internacional Sobre Educación Del Sordo**, Julio/2005, Maastricht, Holanda. Anais... Maastricht, Holanda, 2007.

LANE, H. **A Máscara da Benevolência**. A comunidade surda amordaçada. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1992.

MARTINS, F. C. **Discursos e experiências de sujeitos surdos sobre audismo, deaf gain e surdismo**. 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

MURRAY, J. J.; BAUMAN, H-D. **Deaf gain is defined as a reframing of 'Deaf' as a form of sensory and cognitive diversity that has the potential to contribute to the greater good of humanity**. 2010.

PERLIN, G. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2003.

PERLIN, G. **Tire sua roupa de ouvinte: a alteridade e o estar-sendo surdo**. Petrópolis, RJ: Arara-Azul, 2004.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Medição, 1998.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença**. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

STROBEL, K. L. **Surdos: Vestígios culturais não registrados na história**. Tese (Tese de Doutorado) – Programa Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2008.



## Apêndice – Informações sobre o artigo

### Histórico editorial

**Submetido:** 03 de novembro de 2025.

**Aprovado:** 17 de janeiro de 2026.

**Publicado:** 25 de março de 2026.

### Conflito de interesse

Nada a declarar.

### Declaração de disponibilidade de dados

Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

### Contribuição dos autores

**Resumo/Abstract/Resumen:** Autores; **Introdução ou Considerações iniciais:** Autores; **Referencial teórico:** Autores; **Metodologia:** Autores; **Análise de dados:** Autores; **Discussão dos resultados:** Autores; **Conclusão ou Considerações finais:** Autores; **Referências:** Autores; **Revisão do manuscrito:** Autores; **Aprovação da versão final publicada:** Autores.

### Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Falange Miúda os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Falange Miúda têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

### Open Access

Este artigo é de acesso aberto (*Open Access*) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como ‘acesso aberto’ quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la—ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



### Licença de uso

Este artigo é licenciado sob a Licença *Creative Commons Creative Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0)*. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



### Processo de avaliação

Revisão por pares duplo-cega (*Double blind peer review*).

<sup>1</sup> Pós-doc e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas. Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Educação Especial e Libras pela Faculdade Eficaz da Maringá. Graduada em Pedagogia Bilingue pelo Instituto Federal de Educação de Surdos. Professora e pesquisadora do Curso de Letras Libras / Literatura Surda da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>2</sup> Doutora e mestre em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), atuando no curso de Letras-Libras e em projetos de pesquisa na área de linguística das línguas de sinais. Sua atuação concentra-se nos estudos linguísticos da Libras, com ênfase em linguística de corpus, lexicologia, lexicografia, anotação linguística e interface com aprendizagem de máquina.

<sup>3</sup> Mestrando em Artes pela UFPEl com ênfase em Narrativas Queer/Cuir sob a orientação da Prof. Dra. Rosangela Fachel e fazendo graduação em Letras Libras Literatura Surda. Sou bacharel em História da Arte pela EBA/UFRJ (2019) e especialista em Arteterapia pela Clínica Pomar em parceria com a FAVI (2022). Posuo licenciatura em Artes pela AVM Educacional em convênio com a UCAM (2021) e especialização em Saúde LGBTQIA+ pela ASA Saúde Educacional (2023).

---

## Editor

Marcus Garcia de Sene

---

## Publisher

Este artigo foi publicado na Revista Falange Miúda vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - campus Garanhuns da Universidade de Pernambuco - UPE. A Revista Falange Miúda publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da Universidade de Pernambuco. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editorial ou da referida universidade. Na Avaliação CAPES (2017-2020), a Revista Falange Miúda obteve Qualis B1.

